

SUSANA PAIVA. *Cegueira*.

Lisboa: Huggly Books, 2020, 100 pp.

DIOGO ANDRÉ BARBOSA MARTINS*

diogobarbosamartins@gmail.com

Antes do mais, algumas considerações óbvias, demasiado óbvias, mas nada despiciendas: eis um objecto, obviamente um livro, com uma peculiar fulgurância táctil – uma inusitada macieza, apesar da capa dura. Ostenta feições elegantemente artesanais (quase um caderno, quiçá uma agenda, talvez um diário), um volume considerável de páginas, capa, contracapa e lombada. Contudo, percorridas as faces, não sabemos que livro é, nem que título tem, nem o nome do autor. Será preciso chegar ao cólofon final para, de um modo zelosamente protocolar, perceber que o livro se chama *Cegueira*, é da autoria de Susana Paiva (n. 1970, Moçambique), é o terceiro volume da colecção “Ser fotógrafa” e integra uma edição limitada a 15 exemplares.

Cumprindo-se esse pacto subliminar de quem se abeira de um objecto com a forma de um livro, abre a capa e, sem páginas numeradas, vai no encaço de um movimento progressivo até atingir uma orla mínima de inteligibilidade, o leitor começa absolutamente desamparado, imiscuído, justamente, numa paisagem *cega* aos códigos habituais do circuito comercial deste género de objectos. De resto, as primeiras quatro páginas surgem totalmente em branco; só na quinta página, ao fundo, escrita em caracteres diminutos, se lê uma mensagem endereçada a outra

pessoa: “para MQP / que tanto me apoiou na travessia desta noite escura”.

Noite escura – são quase instintivos os ecos de Dylan Thomas que acabam por ressoar nesta tão simples quanto essencial abertura. *Do not go gentle into that good night... Rage, rage against the dying of the light*, lê-se no famoso poema. Seja pelo crivo da perseverança contra inapeláveis obstáculos, seja, a um nível intrinsecamente tonal, pela premência nocturna, difusa, densamente enigmática, que atravessa este conjunto de imagens fotográficas. A começar, desde logo, pela capa do livro: já aí a noite se instala, num negrume cuja espessura se dilui em vestígios espectrais de luz, como manchas irradiantes de uma luminosidade larvar. É já na capa, portanto, que se desdobra o motivo maior desta *Cegueira*: somos, além de espectadores destas imagens, convidados a peregrinar, a fazer a travessia por esta noite, por entre imagens anoitecidas, que continuamente desafiam o repto, vagamente iluminista, que associa claridade à clarividência, ou a luz à razão. Quer dizer: se fotografar é escrever com a luz, então Susana Paiva escreve visualmente com a sombra, com uma luz negra desavinda que, ao invés de esclarecer ou iluminar, adensa o enigma.

Ainda a noite, contudo. Segundo Josep Maria Esquirol, no ensaio *A Resistência*

* Bolseiro FCT/ Investigador de pós-doutoramento, Faculdade de Letras do Porto, Portugal. ORCID: 0000-0003-0976-1642. A produção deste texto foi financiada por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, através da FCT, no âmbito do projecto *Ousar corromper: (o) caso retratístico em Rui Nunes* (referência: SFRH/BPD/114849/2016).

Íntima (trad. Jorge Melícias, Edições 70, 2020) existem três noites distintas, cada qual com as suas peculiaridades fenomenológicas e respectivos efeitos existenciais. “A primeira é a noite do repouso, do descanso e do sono”, assegura este professor de filosofia: é no seu curso “que o eu se entrega ao mar da inconsciência, bem aconchegado sob uma manta protetora” (Esquirol, 2020, p. 31). A segunda noite tem que ver com a da “vigília voluntária”: o sujeito, consciente das demais turbulências diurnas e périplos diários que atentam contra o silêncio e a introspecção, delibera permanecer acordado para contemplar o universo em redor, aprofundar o sentido de escuta, poder divagar. Por fim, “a terceira é a noite da insónia”, a “vigília involuntária”. A exposição do autor merece ser citada na íntegra:

[...] noite de submissão às forças obscuras da existência, que nem sequer permitem o repouso; noite que nos converte em refêns de forças impessoais, refêns cegos: não se distingue ninguém que nos ate e, no entanto, os laços apertam mais que nunca; domínio do impessoal. Isto é precisamente ao que Levinas aludia com a expressão *há* (*il y a*). (*ibidem*).

Percorrendo a multiplicidade das imagens de Susana Paiva, é-se irresistivelmente atirado para este efeito brumoso da “terceira noite”. Se, por um lado, a ambiguidade entre o que se vê e o que se intui instiga uma imensa liberdade do olhar – “oscilando, poeticamente, entre facto e ficção”, como se lerá, algures, numa das sucintas incisões verbais inscritas neste livro –, por outro, a mesma ambiguidade parece ser roída a todo o momento pelo que há de indecível, e por isso angustiante, na treva, na errância, no “domínio do impessoal” segundo Esquirol, o *há* levinasiano em detrimento do indefectível é dos essencialismos e da psicologia mais à mão.

Vejamos. Céu ou terra, campo ou cidade, material ou imaterial, dia ou noite, interior ou exterior, *eu* ou *eles*: explora-se

aqui, de imagem em imagem, uma zona indiscernível entre as coisas, os lugares ou os poucos corpos que os povoam. Essa zona de indiferenciação torna suspeita toda a imediaticidade do real, como se nada fosse o que promete ser. O próprio visível é atirado para dentro desse vórtice: quanto mais a noite pesa sobre as coisas, ou quanto mais visível se revela a noite pelo lado de dentro dessas coisas, mais se entrevê a poalha invisível que dilui os contornos, que esfumaça as linhas diferenciadoras entre um transeunte e o lugar por onde passa. O que é ver, afinal, se tudo ofusca, se a visão é névoa, se tudo descamba nesta desolação e cegueira?

A este nível, note-se como Susana Paiva continua a perseguir, trabalho após trabalho, um registo de inquietações e técnicas subjacentes que são reconhecivelmente suas: de facto, basta aceder, por exemplo, ao conjunto de fotografias a que deu o nome de *Perpetuare*, para o número 5 da revista *eLyra*, subordinado ao tema “Poesia e Fim do Mundo” (2015, em linha); ou folhear quer as páginas de *Alumiação. Ensaio sobre Poesia, Visão e Cegueira* (com texto de Pedro Eiras, Huggly Books, 2016), quer as imagens de *Fragilidade* (Huggly Books, 2017). Em todos estes projectos, escava-se a noite, alucina-se o visível, põe-se à prova a pretensa fidelidade das imagens face ao mundo que entendem iluminar. E o mesmo teste se aplica à reflexão sobre o excesso da e na linguagem, tal como Pedro Eiras o interpela no ensaio acima referido: “As palavras chegam com atraso, ou nunca chegam sequer à imagem.”

Urge perguntar: mas será que se chega alguma vez à imagem? Não serão estas imagens de Susana Paiva, todo este *corpus* visual, tão flutuante e impreciso, uma experimentação destinada, uma e outra vez, a falhar o alvo, a assumir o erro, assistindo ao triunfo da insónia?

Outra pista. Descontando a primeira mensagem, há nove pequenos textos que interrompem esta noite escura. Mais do

que textos: pequenos versos, se é que o são; ou pequenos e fulminantes apontamentos, pequenas respirações, breves ancoragens que aprofundam aquele primeiríssimo endereçamento agradecido. “escuto o ruído do mundo” – eis o primeiro destes registos, seguindo-se-lhe um conjunto bastante coeso de imagens esfumadas, intensamente granulares. Entrando nesta substância instável e desprovida de referências, segue-se outro apontamento verbal, agora decididamente ético, talvez reactivo: “só, / cantarei”. Contra “o ruído do mundo”, fazendo a ponta com a captura anterior. Atitude nada altissonante, mas com o seu quê de anacrónico: um cântico. Em plena solidão: a solidão pascaliana de quem resiste em paz estando no seu quarto; a solidão de uma urbanidade ao abandono, quase deserta de gente, excepto um ou outro vulto fechado na sua anónima presença – e repare-se como a única imagem onde é visível uma demonstração de afecto constitui, na verdade, uma imagem de uma imagem: um casal abraça-se num cartaz, metido na moldura de um qualquer expositor público. (Porventura, um abraço que é, em todo este livro, o mais explícito elo referencial à circunstância histórica deste tempo comum, o da travessia pandémica. Quando o toque físico se assume como ameaça letal, resta a imagem da imagem como arquivo, vaga presença vestigial de uma proximidade humana a que o medo de contágio confere uma aura irreal, cavando neste tempo uma temporalidade *outra*, tornando-nos longínquos em relação aos mais íntimos dos nossos gestos.)

Ruas desertas, urbanidade soturna, clarões súbitos, esquinas dúbias, o peso betuminoso dos edifícios à noite, pontuados por uma ou outra luz de presença. Entre tanta indefinição e insegurança hápticas, a possibilidade de discernir algo de liminarmente nomeável, ou imaginariamente tangível, apresenta o fulgor alegre de uma cesura, de uma breve pausa na angústia e no diferimento da

verdade. Cada apontamento verbal concorrerá, no fundo, para assinalar esse hiato timidamente feliz: espécie de função fática da parte de quem, atravessando a noite escura das imagens e o tramado silenciamento de tanto “ruído”, interrompe a asfixia contínua e reafirma a sua existência viva, o seu corpo no mundo.

Em *Cegueira*, nada há de liso, fácil, consumível, transparente. Nem nada que seja turístico, exótico, ou panfletário. Estas imagens exigem uma demora do olhar, uma intimidade, que em nada se coadunam com os ritmos apressados e volúveis da vertigem contemporânea, com a tirania do presente. Contra o tal “ruído do mundo”, “contra a obliteração do silêncio” (outro apontamento no livro); contra a propensão manhosamente niilista que se esconde, por vezes, no devir ou no vasto infinito do que *há* de impessoal ou indiferenciável – contra isto, contra o próprio do mundo, a sua desmaterialização (que a insídia fotográfica tenderá tão-só a exponenciar, muito problemáticamente, seja qual for a “ofensiva pós-moderna antissubstancialista” na qual queiramos enfileirar, segundo J. M. Esquirol, *op. cit.*, p. 63). Contra (mas igualmente *com*) a certeza inabalável de que tudo está destinado a perecer, Susana Paiva insiste.

Noite após noite, imagem após imagem. Insiste, a seu modo, em reabilitar a mesma frágil quotidianidade mundana que a prática fotográfica tende a mitigar no seu excesso contemporaneamente omnívoro. Nada a fazer quanto a isto, o jogo está por demais viciado. Nada a fazer – excepto ir-se fazendo, avançando pela noite escura. Insistindo no hábito de captar as coisas do mundo, na íntima solidão de adivinhar uma secreta beleza no instante fugaz, num pacto solene com a obscuridade. Porque à força do hábito não recai necessariamente a mecânica fria ou desapaixonada do que é idêntico ou repetitivo. Terá mais que ver com o que Derrida designa como *demeure*, esse lugar onde se permanece, essa quotidianidade que, intimamente próxima, acolhe o eu na

memória que tem de si, dos lugares que ocupa, do passado que lhe ressignifica o presente. Como vimos, esta *Cegueira* insiste, retoma, aprofunda, *demora-se* nas imagens difusas de trabalhos anteriores, como *Aluminação* e *Fragilidade*. Quer dizer: apesar de tudo, às vezes contra tudo, o real ainda há. Há ainda o que, nesse real, instiga a busca, a perseguição insensata desta noite dentro da noite, do que resiste invisível no coração do visível. E do que ainda surpreende no fluxo da rotina: um rosto, um sítio, a sombra.

DOI: 10.21814/2i.3748

“Poderíamos dizer”, esclarece ainda J. M. Esquirol: “há um sentido da vida ligado à quotidianidade que não chega a ruir embora ocorra um estropício do céu dos grandes «valores»” (*idem*, p. 67). Isto é: “Pode ser que caia a cosmovisão, mas compete-nos continuar a experienciar a proximidade, a relação com os outros e o dia a dia”; pois “[a]s coisas mais elementares talvez estejam já imbuídas do ânimo de responder ou de resistir à escuridão da intempérie” (*ibidem*).

Relembre-se as palavras iniciais, o gesto de as endereçar a quem apoiou a fotógrafa “na travessia desta noite escura”. Chegamos agora às derradeiras imagens deste livro: uma curva de estrada esbatendo-se entre a vegetação, um rasgo mais claro que abre uma clareira entre o horizonte escuro. Aliás: trata-se da mesma imagem, mas invertida, ocorrendo duas vezes. E entre uma e outra, as palavras:

acolho esta cegueira
agora que conheço o meu destino

Amar-te

Enfrentar a noite escura, aceitar o seu terror como parte imanente da vida, do quotidiano sujo de onde brotam estas e outras imagens. E contra o mundo que declina, a insistência de viver. Haja ou não haja deuses, o verbo amar.

(O autor segue a antiga ortografia.)